



# **Ensino de História e aprendizagem na sala de aula: práticas e docência**

Joseano da Costa Barbosa

GUARABIRA-PB  
2017

Joseano da Costa Barbosa

**Ensino de História e aprendizagem na sala de aula: práticas e docência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto

GUARABIRA- PB  
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

B238e      Barbosa, Joseano da Costa

Ensino de História e aprendizagem na sala de aula: práticas e  
docência / Joseano da Costa Barbosa. – Guarabira: UEPB, 2017.

33 p.

Monografia (Graduação em História) –                      Universidade  
Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto”.

1. Aprendizagem. 2. Ensino de História. 3. Prática  
Pedagógica. I.Título.

22.ed. CDD 909

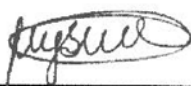
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**Ensino de História e aprendizagem na sala de aula: práticas e  
docência**

Joseano da Costa Barbosa

Defendido em: 29 de março de 2017

**Banca Examinadora**



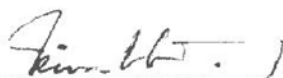
---

**Prof<sup>o</sup>. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto - UEPB  
(Orientador)**



---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Simone da Silva Costa - UEPB  
(Examinadora)**



---

**Prof.<sup>o</sup>. Ms. Rivaldo Amador de Sousa  
(Examinador)**

*Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, por ser Essencial em minha vida, meu criador, autor da minha história, sempre presente em minha vida em todos os momentos.*

*Ao meu Filho Amado, WILLIAM CASTIEL S. C. BARBOSA, que é a pessoa que o sentido da minha vida e traz luz em meu viver.*

*Dedico também a minha mãe VERA LÚCIA DA COSTA, pois sempre me incentivou durante minha vida, e sempre me apoiou nos momentos mais difíceis, Cobrando eficiência na minha vida acadêmica.*

*A todos os meus sobrinhos, LUIZ MIGUEL, VICTÓRIA JAMYELLE, SAMIRIAM BEATRIZ, SOFIA GABRIELLE, CLARICE IZAMILLE.*

## **Agradecimentos**

*A Meu senhor e Salvador Jesus Cristo e Minha Mãe A Virgem Maria, por nunca me abandonar e por sempre me proteger, e me guiar nessa jornada que é a vida.*

*A Minha esposa, por sempre me apoiar nos bons e maus momentos desse percurso.*

*A minha família que são parte da minha vida, e que sempre me apoiaram nesse projeto, mesmo com a ausência física as vezes, mais sempre estiveram ao meu lado.*

*A meus amigos, Robson Antônio, Weberto Santos, Thadeu Ribeiro, Alan Primo, Baltazar Filho e Adailton Silva, pelas palavras de incentivo que me deram força pra seguir em frente.*

## **Resumo**

Reflete-se neste artigo uma ampla discussão, entre o ensino e aprendizagem em história em uma escola pública estadual de ensino médio, desenvolve um diálogo ligado diretamente as práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula, como também, discute a eficácia dessas práticas no que diz respeito a aprendizagem dos discentes. Traz a realidade do ambiente escolar e da sala de aula, além de apresentar as dificuldades que os professores encontram para exercer bem seu ofício, focando também as dificuldades dos alunos em aprender de maneira satisfatória. A partir das leituras da bibliografia tomada como base de sustentação deste artigo, apresenta-se também possíveis soluções para os problemas encontrados na escola referente ao ensino e aprendizagem de História.

Palavras-chaves: Aprendizagem, Ensino, Prática, Pedagógica.

## **Abstract**

Is reflected in this article an extensive discussion between the teaching and learning of history in a public school of secondary education, develops a dialogue directly the teaching practices used in the classroom, but also discusses the effectiveness of these practices with regard to students ' learning. Brings the reality of school environment and the classroom, in addition to presenting the difficulties that teachers are to exercise your right, focusing on the difficulties of the pupils also learn satisfactorily. From the readings of the bibliography taken as support base of this article, is also possible solutions to the problems encountered in school for the teaching and learning of History.

Keywords: learning, teaching, Pedagogical practice.



## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2-Ambiente escolar e Pesquisa empírica.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1-A importância da participação do aluno em sala de aula.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2-A importância do conhecimento prévio do aluno.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3- Problemas encontrados no ensino de história na escola.....</b>	<b>16</b>
<b>2.4-Métodos tradicionais e Pós-modernismo.....</b>	<b>20</b>
<b>2.5 O papel do professor no processo de ensino e aprendizagem em História.....</b>	<b>25</b>
<b>2.6 A pluralidade cultural na sala de aula.....</b>	<b>27</b>
<b>3-CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>4-REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>



## 1-INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal trazer uma discussão sobre um tema que já vem, durante um bom tempo sendo discutido, nos cursos de licenciatura plena em História: as dificuldades no ensino e aprendizagem nesta disciplina. Como também uma contribuição à problemática no ensino da aprendizagem na sala de aula, nas práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de história, e como os alunos reagem as essas metodologias de ensino.

Utilizaremos como base para essa discussão, a pesquisa feita uma escola de ensino médio da cidade de caiçara-PB, focaremos principalmente os métodos de ensino que são utilizados pelos professores de História nesta instituição, além de fazer uma discussão sobre as dificuldades que o alunado tem em aprender os conteúdos da disciplina de História.

Levamos em consideração as discussões que esse tema tem gerado no mundo acadêmico, e até mesmo nos debates ocorridos nos planejamentos, entre os profissionais de história da escola, no que diz respeito as dificuldades que os alunos têm de compreender o conteúdo, ou as dificuldades que os professores têm em conseguir fazer com que o conhecimento adquirido pelo alunado seja satisfatório.

A partir dos referenciais bibliográficos consultados, para desenvolver essa discussão, podemos afirmar que essas problemáticas estão ligadas intimamente, uma vez que, quando se fala em ensino, nos referimos ao profissional de educação - neste caso o professor de história que se coloca como facilitador da construção do conhecimento na sala de aula, e quando falamos em aprendizagem, nos referimos diretamente ao alunado, e às competências que o mesmo deve desenvolver durante a sua jornada escolar.

## **2-Ambiente escolar e Pesquisa empírica**

A discussão desse texto tem como base principalmente as informações coletadas na escola, em forma de observações em todo o ambiente escolar, mais de modo especial a sala de aula, entrevistas com os alunos e conversas informais com professores e alunos da escola tomada como objeto de pesquisa.

A pesquisa empírica começou no início do 3º bimestre do ano letivo de dois mil e dezesseis (2016), e na primeira semana serviu pra fazer as observações no ambiente escolar de modo geral, essas observações foram feitas durante os dois turnos, manhã e tarde, pois, acompanhou os alunos de turnos diferentes e de realidades também diferentes tendo em vista que pela manhã, a maior quantidade de alunos são da zona urbana, e a tarde a maioria do alunado reside na zona rural do município.

Ao iniciar a segunda semana começa as entrevistas com alunos dos primeiros anos e dos terceiros, essa primeira entrevistas teve como objetivo ouvir dos alunos suas opiniões e pontos de vista sobre as aulas de história.

Na terceira semana continuamos as observações, mais apenas nas salas de aula e dessa forma as informações coletadas se tornaram mais consistentes, teve como entender como funcionava o íntimo das salas de aula de história. E assim conseguimos já fazer uma ponte entre os alunos falaram nas entrevistas e a realidade da sala de aula.

Então na quarta semana tivemos uma surpresa, pois, foi quando começamos a ouvir os alunos mais não em uma entrevista formal, mais sim de maneira mais descontraída onde o aluno fica mais à vontade pra falar, foi assim que funcionou as conversas informais com os alunos da escola, conversas que se iniciavam naturalmente no corredor da escola no pátio, com uma turma de alunos da mesma classe e até mesmo de turmas diferentes.

Podemos afirmar que essas conversas informais foram até mais proveitosas do que a entrevistas formais, já que não havia pressão de o aluno responder a um questionário, cara a cara com o pesquisador, mais sim em uma conversa descontraída com amigos e a presença do pesquisador, as perguntas eram respondidas naturalmente, essas informações coletadas foram fundamentais para o desenvolvimento deste artigo.

A última experiência de pesquisa na escola foi as entrevistas e conversas com os professores que puderam expor suas inquietações, suas sentimentos, e/ou justificativas sobre seus alunos e suas aulas.

## 2.1-A importância da participação do aluno em sala de aula

Na pesquisa feita por CARDOSO em seu estudo: *A Didática da História e o slogan da formação de cidadãos* (2007), em que analisa alguns professores no seu exercício em sala de aula na cidade de São Paulo, o autor pesquisa sobre o papel do professor de História na formação do cidadão, e como isso é desenvolvido pelo professor, as práticas empregadas pelos profissionais, para que o discente se torne o que ele chamou de “Aluno participativo,” segundo o autor, se constatou que alguns professores partiram do ponto de que: se o aluno se tornar um ser ativo, participativo na escola ou na sala de aula, ele se tornará um “cidadão ativo, participativo” diante da sociedade (CARDOSO, 2007, p. 165).

Nisso, observou-se que cada professor, analisado por Cardoso (2007, p. 171), tinha uma visão e uma forma de aplicar as práticas que deveriam funcionar bem, no desenvolvimento desse “aluno participativo” até a forma de organização das cadeiras da sala de aula, segundo o estudo, poderia influenciar no processo ensino e aprendizagem.

Sabemos da importância das discussões e debates sobre os conteúdos em sala, em uma das produções bibliográficas tomadas como base foi o artigo: *A linguagem e o conhecimento no ensino de história: alternativas curriculares e didáticas*. Helenice Aparecida Bastos Rocha (2006), mostra a importância da linguagem utilizada pelos professores de história em sala de aula, como também a importância da contra palavra dos alunos, esse espaço dado para que o aluno possa discutir, questionar ao invés de só concordar com o professor, o discente deve ter espaço para questioná-lo, e a partir dessa discussão o mesmo poder desenvolver a capacidade de criar sua própria opinião sobre o assunto com base construtiva, onde o conhecimento desse aluno foi construído a partir dessas discussões em sala de aula.

Ainda segundo, Cardoso (2007), esse slogan “da formação cidadã”, aquele que diz que a escola é responsável pela formação do cidadão em seu conjunto essencial e global, incluiu também uma noção de participação social, derivada dos conteúdos ministrado pela disciplina de História, pois:

Com a extinção dos estudos sociais, em 1983, poderíamos esperar uma nova busca da história como fim em si, uma ruptura com a utilização dessa disciplina como apenas um meio para formar cidadãos. Porém, essa representação da história como formadora de cidadãos tornou-se ainda mais forte nos anos 1980. O conceito de cidadão mudou, do cidadão consciente de sua pátria para o cidadão crítico e

participativo, mas a história continuou representada como um meio para formar cidadãos (CARDOSO,2007. p.44).

A disciplina de história nesse contexto se tornou protagonista, no que diz respeito a formação do cidadão – algo antes atribuído a instituição escolar –, em parte constitutiva e complementar, no sentido de que a participação formativa do indivíduo compreende também, no entendimento de que a instrução é contextualmente social, ou seja, na ideia de que o indivíduo se encontra inserido em um meio que requer, ao mesmo tempo, formação e integração crítica no contexto em que se insere. Seria a perspectiva da crítica problematizadora do ‘eu’ em sociedade, daí a cidadania participativa no entendimento desse indivíduo no tempo e em contextos históricos variados – Por isso formadora do cidadão crítico participativo.

O contrário, quando a disciplina de história não desenvolve no aluno essa percepção crítico-problematizadora no indivíduo da/na sociedade, a cidadania pode torná-lo descontextualizado, desconectado daquilo que chamaremos de curvas sociais – as variações, as diversidades e a coletividade social -, em seu conjunto, e para tanto também consideramos as disciplinas curriculares, espera-se que essa conexão seja construída inicialmente na escola, o que em tese, pode levar aos diversos caminhos da profissionalização de/no mercado.

Entretanto, vale salientar que a História não se aprende apenas na sala de aula, ou no espaço escolar, ou seja, vai muito além, no que diz respeito aos conteúdos históricos, mais também a parte onde a disciplina de História desenvolve o pensamento crítico do aluno para sua formação como cidadão. O alunado passa apenas uma pequena parte de seu tempo na escola, na sala de aula, na maior parte do seu tempo eles estão, fora do ambiente escolar, e é claro como todas as pessoas, onde pode adquirir conhecimento em qualquer lugar que se vá; pode não ser um conhecimento técnico, científico, mas é um conhecimento válido, e deve com certeza ser valorizado.

“É importante acrescentar que aquilo que está inscrito no currículo não é apenas informação, mas envolve a produção ativa de sensibilidades, modos de percepção de si e dos outros, formas particulares de agir, sentir, operar sobre si e sobre o mundo. Enfim ‘aprender informações no processo de escolarização é também aprender a uma determinada *maneira* de assim como *maneiras* de conhecer, compreender e interpretar’ o mundo em geral e seu ‘eu’ no mundo” (STEPHANOU 1998, p. 3).

Para Stephanou (1998), os conteúdos presentes no currículo, devem contemplar muito mais que simplesmente informação, acima de tudo uma produção ativa, onde os alunos desenvolvam a capacidade de se perceber, agir e operar sobre si e sobre o mundo, ele deve adquirir a capacidade de conhecer, compreender o mundo ao seu redor, e conseguir interpretá-lo, entender o seu papel, e como deve agir perante a sociedade, já que a sala de aula é um local de íntimas relações socioculturais.

Chegamos então a conclusão que praticamente tudo pode influenciar de forma positiva ou negativa a aprendizagem do aluno, seja em apresentações de trabalho, seja em aulas onde há a abertura para a discussão, ou até mesmo naquela aula que o professor trabalha com questionamentos orais, incitando o aluno a participação em sala com o intuito de instigar o que se sabe sobre o assunto, transformando assim o ambiente da sala de aula; algo que pode se configurar como um lugar de oportunidades dialogadas e não um espaço em que o professor é o único que tem a palavra.

Na atualidade existe inúmeras discussões que mostram a importância dessa participação do aluno nas aulas, o que Rocha (2006) chamou de Contra palavra que, seria aquela que vem do discente, e que não deveria ser apenas como resposta as perguntas do professor, mais sim, sempre que o aluno tiver dúvidas ou inquietações sobre algum conteúdo. Nesse momento o papel do professor deve ser o de ouvir o que o aluno tem a dizer, seja algum questionamento, seja alguma observação que queira fazer.

O direcionamento, portanto, segundo as leituras bibliográficas que vimos, percebemos a participação do alunado em assuntos que antes só se pensava ser de Gestores, professores e coordenadores educacionais. O diálogo tem assumido um referencial de ampla aceitação, pela necessidade de ouvir os anseios dos alunos ou pelo menos, levar em consideração os interesses dos mesmos, *“as tomadas de decisão curricular não devem ser unicamente da gestão ou do corpo docente da escola”* como afirma Pacheco e Paraskeva (1999):

Considerar o aluno como actor fundamental nas tomadas de decisão curricular é eleger como desafio principal a construção de uma atmosfera escolar que leve aos alunos a sentirem como sua a escola e como seus os problemas de aprendizagem. Esta situação levará os professores a olhar os alunos como observadores, capazes de um comentário construtivo e analítico, pois alguns resultados de investigação, referidos por Rudduck (1997:4), indicam que ‘os alunos podem transmitir muita informação que poderá estabelecer a diferença sobre o seu compromisso perante a sua escolarização e perante os seus níveis de sucesso’. Por outro lado, ainda que a investigação revele uma baixa correlação das suas perspectivas com as de outros

actores, é necessário preferir "os alunos à voz dos alunos" (PACHECO E PARASKEVA, 1999, p. 7).

Podemos afirmar então, que o aluno é sim um ator fundamental nas tomadas de decisão no currículo escolar, uma vez que as ações nas decisões da escola devem contemplar principalmente o discente. Porque não ouvir o principal beneficiado com tudo isso? As considerações dos autores mostram também, que os professores devem olhar para seus alunos, como seres críticos e observadores, que podem atuar ativamente na escola, na aula e em eventos escolares, dando opiniões participando de reuniões e planejamentos didáticos.

Percebemos que, o que deve acontecer é o contrário do que tem ocorrido ainda nas escolas, nosso aluno precisa ser um sujeito ativo em sala de aula como já falamos anteriormente, e a partir de sua participação o professor poderá perceber que o tema proposto pode não ser tão estranho a seus olhos como antes, a partir do momento que há o desafio, é que acontece o estímulo para o aprendizado acontecer de forma natural em sala de aula. Quando falamos de ensino médio, estamos falando de adolescentes e jovens com idade entre quatorze (14) e dezenove (19) anos, jovens que gostam de desafios.

O professor tem que perceber que os alunos devem ser desafiados, e direcionar o caminho que ele deve seguir para se aprender de maneira significativa, o docente deve deixar claro para alunado que o Professor não é o dono da verdade, ou o dono do conhecimento, mais que o conhecimento precisa ser construído em sala de aula e que para se fazer isso, é necessário um trabalho em conjunto entre alunos e professores, nesse caso específico o profissional em História deve ser a peça fundamental já que o mesmo é o principal responsável pela aprendizagem.

Especificamente nesse texto, estamos a discutir sobre o ensino e a aprendizagem em história em uma escola de Ensino Médio, onde a faixa etária dos alunos é entre quatorze (14) e dezenove (19) anos de idade, período em que muitos desses discentes já tem uma visão de mundo, têm inquietações, questionamentos e que gostam de ser notados, gostam de cobrar dos professores e da própria escola melhores condições para aprender. Então por que não dá a oportunidade aos alunos de participarem, no que diz respeito do planejamento escolar no início de cada ano letivo, ou até mesmo fazer parte da construção ou revisão do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que possam dar sugestões e possam dessa forma fazer parte ativamente do processo de ensino e aprendizagem?



O que ocorre na verdade ainda é que nossos alunos são subestimados como afirma Pacheco e Paraskeva (1999), ao pré-entendimento de que são imaturos, irresponsáveis, mesmo a escola ou o professor não lhe atribuindo nenhuma responsabilidade escolar, além de estar presente em sala de aula e se comportar.

Os professores muitas vezes acabam sendo ignorados em sala de aula, o método de ensino é criticado, e os próprios alunos por não gostar das aulas acabam se tornando cada vez menos participativos e cada vez menos prestam atenção, e conseqüentemente acabam não aprendendo, dessa forma, fazem uma ligação típica entre o não gostar e o gostar do professor e da disciplina.

## **2.2-A importância do conhecimento prévio do aluno**

Os professores devem desenvolver a capacidade de lidar com os alunos e entender que eles já têm uma ideia ou conhecimento prévio, que não se deve ser ignorado ou desaprovado pelo profissional de História, estes conhecimentos prévios advindos do senso comum, algo que de certa forma, influência muito na aula de História,

Para que haja uma aprendizagem significativa, [pois] é preciso considerar os conhecimentos prévios dos alunos, e que estes, tanto quanto os conteúdos de história, têm como referencial os seus conhecimentos sobre o mundo atual. As crianças mesclam presente e passado, interpretam fatos do passado de acordo com o conhecimento que tem de seu próprio mundo: há uma presentificação da História (ZASLAVSKY, 2006p. 19. Grifo nosso).

Claramente nos é afirmado que, para que se haja um aprendizado satisfatório em História, em nossas salas de aula o professor deve considerar o conhecimento prévio dos alunos, ou seja, aquele que o discente aprende em seu dia a dia no convívio social, advindo das relações com sua família, ou com os amigos e ambientes que frequentam.

Quando alguns alunos, por exemplo, são advindos da zona rural e tem contato com a terra, eles desenvolvem o conhecimento adquirido no convívio com os mais velhos: a forma de lidar com a terra, a domesticação das plantas, o cuidado com os animais e as experiências do universo rural. Esse conhecimento que o aluno trás de casa, pode ser utilizado de maneira significativa em sala de aula, quando por exemplo o tema da aula for sobre a pré-história, o período em que o homem começa a desenvolver a agricultura, ou

também, quando for falar sobre a Idade Média – os Feudos, os servos, e o sistema de rotação de cultura, para que as terras cultivadas não se desgastem.

É esse tipo de conhecimento, o senso comum que eles desenvolvem com o passar do tempo a partir da convivência com pessoas e o mundo a sua volta, pode e deve ser aproveitado pelo professor em sala de aula, isso fará com que o aluno se sinta importante, a partir do momento que ele percebe que pode ajudar no desenvolvimento da aula, e pode facilitar o trabalho do professor, isso pode empolgar mais ainda o discente a se abrir ainda mais para o conhecimento que ele pode adquirir durante as aulas de História.

Ambas autoras (ZASLAVSKY 2006; STEPHANOU, 1998) confirmam a importância de se utilizar do conhecimento prévio dos alunos nas aulas de história, e assim facilitar a construção do conhecimento histórico como vimos na citação anterior e veremos na seguinte.

Nossos alunos carregam consigo, por suas experiências acumuladas ou por suas vivências cotidianas, conhecimento social e histórico. Seus instrumentos intelectuais são produto de suas interações com o mundo, tanto físico como social. Antes de supor que os estudantes nada sabem, valeria a pena procurar conhecer suas interações com o mundo e então captar os instrumentos intelectuais que compõem sua caixa de ferramentas e que, independentemente da escola permitelhes inserir-se na realidade como sujeitos sociais (STEPHANOU 1998. P. 13).

### **2.3- Problemas encontrados no ensino de história na escola**

Os principais problemas identificados durante a nossa pesquisa, na Escola foram:

- 1- A dificuldade que o professor, tem em fazer com que os alunos se interessem pelos conteúdos e pelas aulas de História.

Notamos que na Escola existe sim uma grande dificuldade, por parte dos professores, em conseguir que o alunado se interesse pelos conteúdos e aulas de História.

A partir das observações feitas, percebemos que realmente um dos professores titulares da disciplina não conseguia desenvolver nos alunos esse interesse, já que o próprio professor não parecia muito preocupado em fazer algo para mudar isso, ficava muito explícito que era muito acomodado, professor com mais de trinta (30) anos de sala de aula, e que voltou a lecionar a disciplina de História a pouco tempo, porquê ensinou durante

muito nesta escola a disciplina de língua Portuguesa, e não estava ensinando História de boa vontade, e na verdade a formação desse professor foi na época como o mesmo falou durante entrevista, que foi em estudos sociais e não propriamente licenciatura plena em história, o que já é um agravante. Podemos dizer que um dos motivos pode ser esse, e outro motivo simplesmente é a falta de auto avaliação.

A primeira coisa que deveria ser feita é o professor fazer um diagnóstico para que possa encontrar realmente onde está o problema, avaliar sua prática e tentar desenvolver um o planejamento que contemple da melhor maneira possível os anseios no alunado. Podemos dizer que boa parte dos professores não fazem uma autoavaliação de suas aulas, será que o problema são os alunos? Ou são as aulas e a prática e métodos utilizados?

Deve-se pensar as aulas de história dinâmicas, onde o aluno se sinta valorizado, e possa até achar essa aula agradável diferenciada, a utilização de mecanismo que possam ajudar nesse processo. Pensar em outras linguagens como, músicas, vídeos, debates, jogos de perguntas e respostas que possa fazer uma aula que vai gerar uma rivalidade uma disputa sadia, gerando um ambiente descontraído.

## 2-Desvalorização da disciplina de história.

Percebe-se claramente que boa parte do alunado tem uma preocupação muito grande com outras disciplinas como Português e Matemática, disciplinas que de certa forma coloca “medo nos alunos”, o medo de ser reprovado, não há uma preocupação igual com o componente curricular de História. Podemos dizer então que há sim uma desvalorização da disciplina por parte dos alunos.

Percebemos também, que algo que influenciava muito essa questão, era o Professor; tinham professores que conseguiam fazer com que seus alunos valorizassem a disciplina de história a partir da rigidez, pois os professores tidos como rígidos conseguiam melhores resultados em suas turmas. Mais acima de tudo o professor mais rígido era realmente aquele que conseguiam desenvolver melhor o seu papel como professor de história.

Pode-se dizer que a desvalorização da disciplina de história não é só por parte do alunado, a escola de modo geral, gestores e professores, também são responsáveis, existe uma preocupação muito grande com as provas que avaliam o nível de ensino como por exemplo o IDEPB Índice de Desenvolvimento e Aprendizagem da Paraíba, que são feitas

nas escolas estaduais, os conteúdos que existe na prova era apenas Português e Matemática, por isso a exigência sobre os professores destas disciplinas eram bem maiores.

Importante citar também é que na escola não tem coordenador pedagógico, além de planejamentos que não funcionavam, justamente por não existir um acompanhamento ou qualquer cobrança por parte da gestão escolar, cada professor desenvolvia seu plano individual da sua disciplina.

Acredito que esse problema pode ser amenizado quando o professor consegue demonstrar para seu alunado que ele gosta do que está fazendo e da disciplina que leciona, e valoriza seu trabalho bem feito. De que forma? Chegando na hora da aula sem atraso, exigindo pontualidade dos alunos, seja com relação a horários seja para cumprir os prazos de entrega de trabalhos, e nas aulas puxar o máximo que puder de cada aluno durante as leituras e nos questionamentos orais, para que o mesmo possa participar, e consequentemente aprender mais dessa forma.

- 3 - Dificuldade dos alunos em ler e interpretar e problematizar o presente, principalmente, no alunado da 1ª série do Ensino Médio.

Durante a pesquisa vimos que esses problemas são maiores nas turmas de 1ª série do Ensino Médio, percebemos no desenrolar das aulas que muitos dos alunos que vem do ensino fundamental, estavam com problemas na leitura, escrita e interpretação, além de problemas em se expressar, o que faz com que o trabalho do profissional de história se torne ainda mais complicado.

O desafio se torna maior na medida que essas dificuldades existem, já que as mesmas deveriam ser solucionadas nas etapas anteriores da jornada escolar do alunado, agora esse se torna também uma responsabilidade do profissional de história que buscar uma saída/ solução para resolver esses problemas em sua sala de aula. Se os alunos não conseguem ler bem, como conseguiram escrever bem? Como conseguirão interpretar aquilo que está lendo?

Foram perguntas que os professores se faziam quando se depararam com esse problema, que é sim uma realidade da escola na atualidade.

Um dos professores para tentar resolver esses problemas, desenvolveu atividade para que os alunos comesçassem a praticar a leitura e interpretação ao mesmo tempo, planejou aulas onde em um dos horários de quarenta e cinco (45) minutos os alunos iriam

fazer um fichamento de citação de um capítulo, e ao se iniciar a próxima aula eles tiveram que ler a suas citações e falar a importância das mesmas, uma de cada vez de forma alternada entre os alunos para que todos pudessem participar, estimulando assim a leitura, interpretação e expressão.

#### 4 – O celular: e a desconcentração dos alunos

A nítida desconcentração dos alunos advinda principalmente do uso do celular, mesmo sendo proibido o uso do mesmo na sala de aula, o aluno fica preso ao universo virtual, preocupado com as mensagens e ou curtidas das redes sociais que estava conectado antes de entrar na sala de aula.

Podemos afirmar depois de observações feitas no ambiente escolar e em sala durante as aulas, que a maioria dos alunos não apresentavam concentração, sem demonstrar interesse no que o professor estava falando e ou propondo durante a aula.

Muito comum durante as aulas de história ouvir barulhos vindos de aparelhos celulares, e logo depois alguns alunos pedem para sair da sala para ir ao banheiro, ou ir beber água, e demoravam a voltar. Em alguns momentos percebeu-se que havia alunos conversando uns com os outros durante as aulas em forma de mensagens utilizando o aparelho celular.

O uso do celular na escola é permitido, mais na sala de aula não, mesmo assim, acredita-se que prejudica sim na atenção do alunado em sala de aula, então o papel do professor nesse caso é o de conscientizar, mais lutar contra isso desenvolvendo aulas que sejam atraentes para o alunado como já foi falado acima.

A forma mais inteligente de lidar com o problema dos celulares nas salas de aula, seria começar a se utilizar dessa tecnologia para ajudar o seu desempenho como professor em sala e, conseqüentemente o desempenho do alunado, fazendo com que os alunos pudessem participar ativamente da aula, utilizando o celular, que por sua vez se usado com inteligência pode ser de grande ajuda nas aulas de história.

Se o professor conseguir desenvolver aulas que possa precisar de pesquisas durante a aula, ao invés de recorrer ao livro didático, pedir para que os alunos façam a pesquisa direto na internet utilizando o celular na sala de aula.

Uma prática comum na escola é que os alunos criam grupos em redes sociais, FACEBOOK e WHATSAPP para que professores e alunos possam passar alguns informes sobre aulas tirar dúvidas sobre trabalhos, postar apostilhas para que todos possam ter

acesso rapidamente entre outras coisas. Aconteceu casos durante o simulado da escola muitos alunos antes da prova juntos utilizando o celular para estudar, em outros momentos alunos pediram permissão ao professor para gravar o áudio da aula para depois pudesse ouvir novamente em casa para reforçar o seu entendimento.

Vimos assim que realmente o celular pode deixar de ser um vilão e passar a se tornar uma ótima ferramenta para o ensino e aprendizagem na sala de aula.

## 2.4-Métodos tradicionais e Pós-modernismo

Nota-se que mesmo nesse momento em que estamos vivendo, o chamado Pós-Modernismo<sup>1</sup>, os métodos usados no ensino e aprendizagem de História, são os chamados métodos tradicionais. O ensino tradicional de História é o mais utilizado nas salas de aula, e isso, uma que se utiliza em larga medida, pode comprometer a aprendizagem em História.

O ensino de história, mais do que outras disciplinas escolares, tem se constituído em solo fértil para a memorização, a repetição, o *monólogo* do professor, um espaço propício para a ideia de saber pronto, acabado, que resta apenas transmitir. Embora insistentemente apontada pelos autores e reconhecida, diante dessa crítica, tanto os professores quanto os estudantes acabam não tendo uma experiência ou não encontrando uma alternativa que escape à exposição oral, textos, questionários, decoreba, maniqueísmo e grosseiras simplificações sugeridas pelos manuais escolares que predomina no ensino desta área do conhecimento (STEPHANOU 1998, p. 4).

Ao considerarmos o que a autora afirma no trecho acima, percebemos que, as práticas utilizadas nas aulas de história ainda são práticas consideradas arcaicas, onde se privilegia largamente a exposição oral, textos e questionários que servem para ser decorados. Quando percebemos que a quase totalidade das salas de aulas de história tendem ao uso intenso dessa metodologia, os resultados não desenvolvem no aluno o senso crítico; o que cria outro problema, o de que esse tipo de aula de história se torna cada vez

---

<sup>1</sup> Também conhecido como pós-industrial, o movimento pós-modernista vem acontecendo desde o fim do **Modernismo** e é uma expressão usada para designar as mudanças que a ciência, as artes e a sociedade sofreram dos anos '50 para cá. Caracterizado pela disseminação dos meios de comunicação e da informática, além da influência do universo digital e do apelo consumista, o pós-modernismo é um processo ainda em desenvolvimento que cultua a individualização, a liberação dos medos e preconceitos, além da liberdade de expressão, da tecnologia e da facilidade da comunicação.

menos atraente para os nossos alunos, podendo ocasionar o desinteresse generalizado, porque estão sempre vendo mais do mesmo.

Esse ensino tradicional, normalmente se dá em sala de aula de seguinte forma: o professor é o único que sabe e o único que fala sobre o conteúdo, não se pode questionar, não há uma interação aluno professor ou professor aluno, então não há uma troca de conhecimento, mas simplesmente uma reprodução de informações que tem um valor inquestionável, inalterável.

Quando em outras ocasiões, as falas dos alunos estão direcionadas e conduzidas por questões formuladas pelo professor que, moldam e conduzem a discussão para os fins já apresentado pelo livro didático. Esse tipo de abordagem cria uma falsa impressão de debate, de discussão em sala de aula, contudo, o pronunciamento livre e questionador dos alunos não ocorre de forma espontânea, o tema gerador da discussão parte de um questionamento próximo e já exposto pelo livro didático, não é o conteúdo que, após uma leitura previa constrói o problema.

Ainda de outro modo, nas aulas de História onde os professores ainda usam largamente os métodos tradicionais, pode não haver abertura para a discussão, questionamentos sobre os fatos descritos no manual utilizado para o ensino e aprendizagem de História, e os professores na maioria das vezes, não abre espaço, nem ele mesmo toma a iniciativa de problematizar, polemizar ou questionar; assim, os fatos históricos que são tidos como verdades indiscutíveis, para isso cabe a citação:

O passado, por sua vez, pode ser apreendido ou resgatado tal como aconteceu. Subjacente à elaboração desses currículos, supõem-se que os conteúdos históricos contêm uma verdade, visto que o passado é passível de ser cientificamente recuperado mediante o auxílio de instrumentos, mais ou menos adequados. Ou seja, 'o que aconteceu, aconteceu!': os fatos históricos são indiscutíveis; ninguém muda o que aconteceu (STEPHANOU, 1998, p. 4).

Nesse caso estamos falando especificamente do ensino voltado para a história tradicional. Percebemos na pesquisa bibliográfica feita, que vários autores constroem um discurso em torno dessa questão, e é claro, o discurso chega a um consenso: o ensino tradicional de História como problema, por exemplo Alcântara (1997) diz que no ensino tradicional de História, "é escrita de forma linear, onde os acontecimentos são sequenciais, sistematicamente, colocam os fatos como únicos, e se destacam os feitos individuais (heróis), grandes governantes, seguindo uma história que ele chamou de político-

institucional”. O autor afirma também que a história tradicional é baseada nos ideais positivistas, onde não há uma contradição, ou conflito e rupturas.

Não se propõe a mudança dos fatos históricos porquê de fato eles aconteceram, o que se discute para as aulas de história é a apreensão desses fatos históricos, o conjunto crítico e interpretativo que favoreceu sua emergência, o contexto social em que o fato veio a emergir, as formas e as implicações ideológicas do conjunto social, político e também culturais que contribuíram para tal acontecimento. Essas questões impõem a construção do olhar crítico sobre um determinado acontecimento histórico, ao passo em que, deixa de lado a ideia do simplesmente “aconteceu”.

Contudo, na nossa pesquisa vimos que a grande maioria dos alunos reclamaram do ensino de História, porque tem dificuldade em decorar fatos, acontecimentos e datas específicas. Pois esse ensino tradicional normalmente está baseado em repassar para o aluno um conteúdo pronto e determinado, que se entende como sendo único e verdadeiro, dando ênfase aos grandes governantes, heróis, reis ou até bandidos como já foi falado. É uma história que se torna inquestionável que prega uma verdade absoluta, que deve ser intocável, além de ser cronológica, que segue uma linha de tempo e sequências de acontecimentos.

Para Cabrine (1987) A história tradicional é aquela em que o professor apresenta aos alunos conteúdos prontos, como verdades estabelecidas, distantes de sua realidade e de seu tempo; não valoriza as experiências do aluno, desconsiderando sua história; a autora afirma também que o uso do livro didático, onde o conteúdo é todo sistematizado, não pode ser utilizado como algo inquestionável. Nesta perspectiva tradicional, o ensino é caracterizado pelo estudo de fatos e datas marcantes, onde os alunado deve memorizar, e daí as reclamações dos discentes, onde acham as aulas completamente chatas, pois, precisam decorar fatos e datas e nomes, de pessoas que para eles não serve de nada, a não ser para conseguir obter a nota necessária para passar de ano.

Alcântara (1997) afirma também que nas aulas de História que segue esse regime da história tradicional, o aluno e o professor são separados por seus papéis, o professor ensina o aluno aprende, o professor detém o poder absoluto do conhecimento, o discente o dever de assimilar tudo aquilo passivamente, e depois deve reproduzir da maneira que foi repassado pelo professor.

É uma história sem contexto crítico, sem significância.



Maria Stephanou (1998) salienta que, em geral prevalece a compreensão de que o conhecimento em História diz respeito tão somente ao passado, e sabemos que na verdade isso não é assim, o conhecimento histórico como uma construção discursiva, como trabalho que constitui o objeto de investigação, que constrói os dados históricos, como forma cultural através da qual os homens da contemporaneidade se relacionam com os eventos e com o passado.

Interessante é que, durante o curso de licenciatura notamos o que a prática pedagógica trazia, para que pudéssemos melhorar este quadro de intensas dificuldades encontradas no sistema de ensino e aprendizagem de história, presentes na educação do nosso país. São os métodos inovadores que podem ser de alguma maneira soluções para estes problemas até agora citados sobre o ensino tradicional de história, e a problemática dos alunos que não gostam e não dão valor a história e o próprio professor corrompido pelo sistema educacional burocrático e falho.

Para mudar isso o professor deve se abrir para o "novo" considerando as diferentes formas que podem ajudá-lo a desenvolver uma maneira de lecionar mais atrativa para os alunos, dando espaço a interação entre os eles e os conteúdos ou poder utilizar vários recursos didáticos que a grande maioria das escolas tem como por exemplo uma aula em *slides*, utilizando o Computador e o *Datashow*, trabalhar utilizando músicas que possam se encaixar com o tema da aula, outro recurso muito bom e atrativo é a exposição de cenas de filmes que possam ajudar no aprendizado dos alunos e até mesmo facilitar a compreensão da maioria dos discentes. Outros recursos podem ser mais ousados, mas pode funcionar bem: a elaboração de paródias ou o desenvolvimento de peças teatrais com temas históricos.

Todos esses recursos didáticos mostraram-se muito úteis. Foi o que percebemos após observar nas aulas e nas entrevistas com os alunos, notamos que a aceitação desses recursos – filmes por exemplo: O filme *Tempos Modernos* – serviram bem ao propósito planejado, segundo os alunos, para ajudar na compreensão sobre como era a vida dos operários nas fábricas.<sup>2</sup>

Outro recurso didático utilizado e idealizado por um dos professores de História da escola onde foi realizada a pesquisa, o trabalho feito com os cordéis, onde o professor foi a

---

<sup>2</sup>A aula foi ministrada em forma de slides, A Revolução Industrial e a divisão social do trabalho. Ao terminar a apresentação de slides o professor passou para os alunos assistirem uma cena do filme *Tempos Modernos* de mais ou menos doze (12) minutos, e depois o professor fez questionamentos e os alunos respondiam e também tiravam dúvidas sobre o tema da aula e o vídeo.

casa da leitura, que é uma biblioteca comunitária da cidade e conseguiu vários exemplares de cordéis de um autor Paraibano – Medeiros Braga –, que escreve cordéis históricos. Na aula o professor expôs todos os cordéis e cada aluno escolheu o que queria lê e, depois da leitura que deveria ser feita em casa, em uma outra aula, cada aluno ficou encarregado de fazer a apresentação do cordel levando em consideração, sobretudo, os aspectos que tivesse haver com os temas Históricos, de modo a melhorar a compreensão, o objetivo foi também, construir as relações dos referidos acontecimentos, abordados nos cordéis, com a realidade em que os alunos estavam inseridos, para que os mesmos pudessem se identificar melhor com os conteúdos históricos que foram propostos para o estudo.

Dessa maneira os alunos puderam se situar melhor no tempo e no espaço em que se localizam, além de se entender como agente histórico, agentes da sua própria história, construindo assim um melhor senso de cidadania.

Entende-se assim que a educação deve acompanhar a evolução humana, o desenvolvimento dos meios de comunicação como, por exemplo, a internet, um mundo de informações em uma tela. A pesquisa foi feita na escola da cidade de Caiçara-PB, nas observações realizadas na sala de aula do professor titular da disciplina de História, percebemos que, por parte do professor não existia a preocupação em problematizar o conteúdo, que se fez exclusivamente pelo manual do professor (livro didático).

Não houve durante as aulas, nenhuma discussão ou questionamento por parte dos alunos, pois durante toda a aula, o alunado estava ocupado respondendo questionário na maioria das aulas observadas.

Na Escola citada, a partir das observações feitas, percebeu-se o método utilizado pelo professor titular da cadeira, mostraram-se ineficazes, já que havia reclamações por parte de alguns alunos, afirmavam que não estavam mais no ensino fundamental, um exemplo é a aplicação de questionário escrito onde o professor, copia no quadro as perguntas, os alunos respondem, perguntas que encontra-se facilmente no livro didático, rapidamente é feita uma correção coletiva, o professor dar as respostas, copia no quadro, e posteriormente uma prova será aplicada e o conteúdo simplesmente é aquele questionário de dez questões. Ou seja, há uma reprodução da escrita das respostas de dentro do texto, o aluno não precisa pensar, colocar sua opinião ou interpretar alguma questão, ou desenvolver um texto crítico. Além do mais, a aula praticamente não existe, em boa parte do tempo o professor passa fazendo a chamada, e depois passa atividade do livro didático,

onde os alunos só precisam procurar as respostas das questões ali presentes e levam depois para o professor fazer a correção.

O tema da aula em nenhum momento é explicado, e muito menos discutido, o alunado praticamente não fala, a não ser que seja para perguntar qual a página da atividade, ou qual página estão as respostas, nota-se que não há uma interação entre aluno e conteúdo, aquele conteúdo continua estranho, também não há interação professor - alunos, ou alunos com professores.

O que ainda se perpetua em algumas salas de aula é a prática de repassar para os discentes os conteúdos programáticos, inseridos nos planos anuais da disciplina de história das escolas, esse conteúdo muitas vezes, é repassado para os alunos frequentemente sem ter tido uma discussão/análise ou mesmo exposição didática mais a fundo, a impressão é a de que o professor não preparou a aula; não acontece uma apresentação do tema da aula, nem questionamentos, não se apresenta uma discussão ou diálogo, ou debate, que pudesse gerar uma participação em massa dos alunos.

O alunado dessa forma se tornou um sujeito passivo, onde não teve a liberdade de questionar, e o tema da aula continuou sendo-lhe algo estranho.

Mais é importante salientar que não estamos querendo dizer aqui que o ensino tradicional não funciona, mais podemos dizer é que este não deve ser o único utilizado em sala de aula, até porque não tem como o professor utilizar músicas, filmes, trabalhar com revistas, cordéis em todas as aulas.

## **2.5 O papel do professor no processo de ensino e aprendizagem em História**

Sabemos que a formação dos profissionais de História é apontada como indispensável para essa discussão com certeza já que esses estudantes de licenciatura plena em história vai encontrar uma realidade na escolas e salas de aulas situações que podem exigir desse professor algo além do que a sua formação lhe ensinou.

Levando isso em consideração, podemos afirmar que o professor é a peça de suma importância em sala de aula para que haja uma compreensão significativa dos conteúdos trabalhados, ele a têm uma responsabilidade acima daquilo que ele foi preparado, no decorrer da sua formação acadêmica, como afirmou Helenice Rocha (2006), quando afirma

que: que a tarefa dos professores em sala de aula extrapola sua formação acadêmica, onde o mesmo deve dominar não só as práticas de ensino e o conhecimento histórico, pois, as interações em sala de aula faz surgir situações que muitas vezes estão ligadas não só aos conteúdos as vezes, por exemplo, o professor tem que fazer o papel de um amigo que precisa ouvir e quem sabe ajudar, quando o aluno passa por problemas na sua vida pessoal e isso reflete em sala de aula, situações dessas que só se resolve com o tempo quando o mesmo vai adquirindo o conhecimento que de certa forma só vem com a experiência.

Deve-se compreender que o desenvolvimento de Práticas de ensino que se adequem a *realidade* do alunado com certeza facilitará o interesse e conseqüentemente, a aprendizagem, essa *realidade*, pode ser entendida como o cotidiano do aluno, dessa forma o discente pode se sentir mais à vontade para se tornar ativo em sala.

O público escolar de hoje é completamente diferente do público de dez (10) anos atrás, como então o professor pode utilizar os mesmos métodos de ensino que utilizou desde que começou a carreira de professor? Quantos cadernos de páginas amareladas ainda existe nas nossas salas de aula?

Importante salientar é que a formação do professor deve ser a melhor de todos os profissionais com certeza, pois eles são, ou mais, dizer nós somos os responsáveis por um percentual significativo formação de cidadãos, é claro maior percentual é responsabilidade da família, que devem exercer da melhor maneira possível essa cidadania, cidadãos críticos que pensam para frente e no bem comum para a sociedade, com senso de direitos e deveres, conceitos morais e éticos.

Com os novos métodos, sugerem que os professores tenham uma formação mais apropriada sobre a sua determinada disciplina, e aqui enfocamos a história, mudar a sua forma de pensar a história, e conhecer novas metodologias de ensino e aprendizagem em história diferente da tradicional para que assim o ensino tradicional não seja o único empregado nas aulas de história como já foi falado anteriormente.

E para isso os Profissionais de História têm que estar preparados para se adequar as diferentes formas de comportamento dos indivíduos em sala de aula. Mas é claro a escola tem um grande significado para a aprendizagem, e também a escola deve estar bem preparada para receber da melhor maneira possível, e oferecer o melhor que puder no que se diz respeito, a uma boa qualificação, seja para vida profissional, seja para formação do cidadão atuante na sociedade.

Podemos dizer que também é um fator importante a ser considerado a questão dos conteúdos presentes no currículo, pois sabemos que ambos passam por uma seleção criteriosa, ou seja, a escolha dos assuntos a serem ensinados tem que objetivar não apenas o fato em si, mas também o sujeito no que diz respeito a sua formação sociocultural.

## **2.6 A pluralidade cultural na sala de aula**

Devemos estar preparados para a pluralidade cultural que se vai encontrar na sala de aula; entender que o professor não vai encontrar todos os alunos iguais, seja no pensamento ou no agir sócio-político-cultural. Iremos encontrar uma diversidade cultural gigantesca, e o professor deve tratar isso com muita seriedade e responsabilidade.

Discussão como essa se abre quando olhamos para o íntimo da sala de aula, e vemos as diferenças, lidar com várias pessoas com formas diferentes de pensar, e até mesmo costumes crenças, cor e/ou sexualidade. A formação dos professores desse mundo Pós-moderno deve ser a mais qualificada possível para lidar com pluralidade cultural que encontramos em sala de aula, devemos estar preparados para aceitar, incorporando diferentes grupos culturais e sociais (Mulheres, negros, índios, sexualidades ou religiosidades diversas).

Para tanto, cabe a escola elaborar uma estratégia que possa contemplar a todos, professores e alunado e, de certa forma gerar uma boa interação entre eles, seja na sala de aula, seja em eventos escolares; se faz necessário a elaboração de um currículo que possa fazer com que o alunado e professores se sintam em um ambiente agradável.

Nós professores devemos lidar com essas diferenças naturalmente e com responsabilidade, de modo a sempre aproveitar a oportunidade para abrir discussões sobre esses temas. Na minha experiência em sala de aula, gosto de gerar discussões sobre temas muito atuais, como por exemplo homofobia, feminismo e discussões sobre cultura negra, sempre antecedido por uma leitura prévia e auxiliado pelo que já existe no livro didático, o que facilita o nosso trabalho como professores.

Nessas discussões feitas em sala de aula há a participação em massa das turmas, principalmente as turmas de 3º anos, normalmente o espaço é dado para que cada um comece a falar sem que precise de ser chamado, cada um escolhe se quer falar, dar sua opinião ou perguntar algo sobre o tema – o clima fica muito bom mais as vezes quando as

opiniões divergem sobre algo polêmico o clima esquenta –, a abertura desses espaços tem gerado conhecimento, aos poucos vemos a evolução de cada aluno, até aqueles que nem abrem a boca começando a querer contribuir com sua opinião.

O objetivo é superar algumas ideias preconcebidas como o preconceito de gênero, raça, religião, “deficiência” e padrões culturais, devemos estar preparados para entender e compreender os choques culturais que podem haver em sala de aula.

Os parâmetros curriculares nacionais (PCN), apresentam como um dos eixos transversais, o tema da pluralidade cultural, trazendo à tona a necessidade de se levar em conta esta dimensão no cotidiano escolar.

Adriana Regina (2002) discute esse multiculturalismo em seu artigo, quando afirma que de fato o problema da diversidade cultural e da construção das diferenças tem sido trazida em uma visão de cidadania multicultural, devemos levar em consideração as diferenças, a sala de aula na atualidade tem essa complexidade da diferença, que é um dos vários desafios dos professores no dia a dia nas aulas de história, essa diferença em sala de aula que se apresenta de várias formas como diferenças religiosas, gênero sexualidade entre outras devem ser levadas em consideração no que se diz respeito as discussões que devem ser propostas em salas de aula.

Para que os discentes se sintam interessados a entender que essa diferença entre eles, é algo natural, mas, que se deve trabalhar temas nos quais contemplem ambas as diferenças sejam quais forem. O profissional de História deve perceber que cada vez mais vem se abrindo espaço para uma discussão sobre uma elaboração de currículos multiculturais como afirma a citação a seguir:

Portanto, o campo do multiculturalismo, com suas múltiplas formas de expressão (questões de gênero, sexualidade, etnia, identidades etc.) vem pouco a pouco, ocupando lugar privilegiado nas discussões educacionais. O espaço que vem se abrindo, em diversas sociedades, para as discussões vinculadas à diversidade cultural/linguística/indígena é, em última instância, resposta aos diferentes movimentos sociais que representam vozes em busca de direitos e legitimidade bem como o reconhecimento, por parte dos governos, da necessidade de conter os inúmeros conflitos provenientes dessas questões (SANTOS, 2002; p. 175).

Para discutir esses problemas a partir das últimas décadas do século XX construíram-se ricos debates, sobre a elaboração e implementação de propostas curriculares, de novos materiais didáticos, de modo a tentar repensar as práticas de ensino e aprendizagem. Nesse ponto de vista ampliaram-se os objetos de estudo e os temas. Os

Parâmetros Curriculares Nacionais foram o principal responsável. Nesse contexto haverá uma diversidade de formas de ensinar e de aprender história, que vai se consolidar na pluralidade das concepções teóricas, políticas, ideológicas e metodológicas no ensino de história. Referente a isso veremos que o ensino de história de acordo com a leitura dos PCNs é o de ampliar a compreensão dos alunos as suas realidades no caso no seu cotidiano individual e coletivo.

O professor deve levar em consideração, tudo que pode influenciar o desempenho do aluno em sala de aula, o contexto social que ele está inserido, problemas que possam atrapalhar ou não a atenção do aluno e conseqüentemente o seu aprendizado.

O desafio não é fácil, os professores de história, tem uma tarefa árdua, diária, que faz com que tenha que esforçar-se para fazer um bom trabalho mesmo com toda as adversidades que possam ocorrer, as vezes ter que bater de frente com o sistema educacional muitas vezes falho, entre outros problemas.

Os conteúdos que serão trabalhados não ficam presos apenas aos acontecimentos e conceitos históricos, ou seja, tem que ir além. É bom salientar que o professor na maioria das vezes, condiciona o a história de acordo com seu lugar, e concepções, dessa forma a interpretação vai para a sala de aula, o que deveria ser diferente, a proposta e objetivos deveria ser o de formar cidadãos críticos, seres pensantes, e não meros repetidores dos pensamentos do professor ou mesmo dos autores dos manuais escolares.

Percebemos que o professor deve inovar e incluir novas práticas e linguagem de história, novos métodos e técnicas que podem dar certo, como expor filmes sobre determinado conteúdo ou trabalhar com revistas comparar com temas históricos antigos e atuais, trabalhar com quadrinhos, Cordéis com históricos, aulas de campo, tudo isso faz com que os alunos vejam de forma diferente, e ganhem o gosto pelas aulas, e possam agora participar e interagir com os conteúdos.

É bom salientar que no papel tudo é bem bonito e muitas vezes acabam nem saindo do papel um monte de projetos, de alguns professores. Existem também aqueles que em seus diários de classe tem todos os conteúdos bem organizados, como se tivessem todos sido bem trabalhados, mas sabemos que não é bem assim.

Boa parte dos professores tem mais compromisso com os diários de classe do que com o principal o aprendizado do aluno. O Importante é mobilizar e trabalhar da melhor maneira possível visando um futuro educacional melhor do que o que temos atualmente, infelizmente a maioria dos professores não acreditam nisso.

O mundo passa por transformações sociais, organizacionais, entre outras coisas e fazem-se necessárias mudanças no sistema educacional, pois vivemos em uma sociedade do conhecimento onde o indivíduo necessita ter um censo crítico e reflexivo sobre determinados assuntos principalmente diante dessa realidade política do Brasil atual, a necessidade de formar cidadãos críticos e participativos é primordial.



### 3 CONCLUSÃO

Podemos afirmar a partir da pesquisa feita para desenvolver este trabalho, que na escola da Rede Estadual da cidade de Caiçara-PB apresentou muitos problemas com relação ao ensino e aprendizagem de História na sala de aula.

Conseguimos perceber situações em que havia práticas de ensino ineficazes, mais ao mesmo tempo também encontramos no mesmo ambiente escolar um ensino muito eficaz, com planos de ensino que foram bem executados, em que as aulas foram proveitosas, gerando assim um aprendizado satisfatório.

Percebemos que a situação da escola não é tão ruim tendo em vista que tem sim professores capazes de desenvolver um bom trabalho em sala de aula, entendemos também que os problemas encontrados na escola são comuns em grande parte das escolas públicas de nosso país.

As leituras tomadas como base de sustentação para este artigo nos ajudaram também perceber que os problemas apresentados na escola tem solução, basta que haja interesse da direção, coordenadores, pais/mães e principalmente do professor, que é o principal responsável pelo processo de ensino e aprendizagem de história na sala de aula. Mesmo que tenha que lutar contra um sistema educacional falho e muito burocrático, a força de vontade do professor de história deve ser mais forte que os problemas encontrados em sua sala de aula, problemas que sim podem ser resolvidos, e que os obstáculos podem ser superados, pois:

“(…) acredita-se que para ser um bom professor de história é preciso manter uma coerência entre a posição historiográfica, epistemológica e pedagógica. Ou seja, a preparação das aulas e a sua realização prática precisam levar em conta o aluno como sujeito ativo, capaz de transforma-se e transformar. As aulas de história precisam se constituir em um desafio, no sentido de buscar alternativas nas problemáticas de diferentes tempos e espaços, instigando a mobilidade temporal do pensamento, no intuito de promover uma construção temporal sincrônica e diacrônica, condição necessária para a construção da noção de tempo histórico.” (ZASLAVSKY. 2003. p, 07).

O bom professor de história pode sim mudar a realidade do ensino de História em sala de aula, buscando sempre melhorar suas aulas, procurando sempre formações continuadas, pós-graduações, e se reinventando a cada dia. Planejando bem suas aulas, de acordo com a realidade do alunado, para que o ambiente seja favorável ao aprendizado.

#### 4-REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, A. B. 1997. Dialogando com o ensino de História. IN: **III Jornada de Ensino de História, Anpuh/Unisinos**, São Leopoldo, Editora Unisinos F. SEFFNER e J.A. BALDISSERA (org.), Qual história? Qual ensino? Qual cidadania? UNISINOS, p. 120-136.
- CABRINI, C. et al 1987. **O ensino de História**. São Paulo, Brasiliense
- CARDOSO, O.P. **A didática da e o slogan da formação de cidadão**. Tese (Doutorado) Faculdade de educação Universidade de são Paulo, 2007
- PACHECO A. PARASKEVA M. As tomadas de decisão na contextualização curricular. *Cad. Educ. FaE/UFPe1, Pelotas (13): 7 - 18, ago./dez. 1999*
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: História, Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 166p.
- ROCHA, Helenice A. B. **A linguagem e o conhecimento no ensino de história: alternativas curriculares e didáticas**. SEACULUM-Revista de História [15]; João Pessoa, jul./dez. 2006.
- STEPHANOU, Maria. **Instrumento maneiras de ser, conhecer e interpretar**. Ver.bras. Hist. [online]. 1998, vol. 18, n.36, PP.15-38 ISSN 0102-0188.
- ZASLAVSKY, S. S. 2003. Dificuldade aprendizagem em história e a construção do conhecimento histórico. **UNI revista - Vol. 1, n° 2: (abril 2006)**.
- ZASLAVSKY, S. S. 2003. **Aprendizagem de História e Tomada de Consciência das Relações Espaço-temporais**. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio grande do Sul, UFRGS, 235 p.
- SANTOS, Adriana R.J. **Um novo olhar do currículo no contexto do pós-modernismo Olhar de Professor**, vol. 5, núm. 1, 2002, pp. 173-183 Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino Paraná, Brasil.